

CULTURA ESCOLAR DAS CLASSES SECUNDÁRIAS EXPERIMENTAIS DO CURSO GINASIAL DO INSTITUTO DE EDUCAÇÃO “JUNDIAÍ”¹

Maria Eduarda Medeiros da Silveira², Norberto Dallabrida³.

¹ Vinculado ao projeto “Cultura Escolar nas Classes Secundárias Experimentais (décadas de 1950 e 1960)”

² Acadêmico (a) do Curso de Pedagogia – FAED – Bolsista PIBIC/CNPq

³ Orientador, Departamento de Pedagogia a distância – CEAD – norberto.dallabrida@udesc.br

O presente trabalho, inserido em um escopo maior de pesquisa institucional, tem como objetivo analisar os métodos de ensino, as atividades educativas dirigidas e as formas de avaliação nas classes secundárias experimentais do Instituto de Educação “Jundiaí” em 1961. A inovação no ensino secundário brasileiro iniciou no Brasil na década de 1950, tomando como referência o período de um ano e meio em que Luis Contier estagiou no *Centre International d'Études Pédagogiques (Ciep)* e, com o seu retorno ao Brasil, em 1951, iniciou a apropriação das *classes nouvelles* francesas no Instituto Estadual Alberto Conte. Essa experiência pedagógica foi acolhida pela Diretoria do Ensino Secundário do MEC, que autorizou a implantação da inovação no ensino secundário, por meio das chamadas classes secundárias experimentais, a partir de 1959.

O Instituto de Educação “Jundiaí”, localizado no interior do estado de São Paulo, implantou duas classes experimentais no curso ginásial em 1960, adensando a onda da inovação pedagógica no ensino secundário iniciada no ano anterior. Nesta investigação são recortados os métodos de ensino, o estudo dirigido e as formas de avaliação nessas classes inovadoras no ano de 1961. Estes aspectos, interligados, foram abordados nas três diferentes partes do trabalho: a primeira alisará como estavam descritos os processos e métodos implementados nas classes experimentais do ginásial do Instituto de Educação “Jundiaí”; a segunda parte tratará sobre a centralidade das atividades educativas dirigidas, técnicas didáticas que exemplificam significativamente o engajamento aplicado nas classes experimentais do Instituto de Educação de “Jundiaí” na prática entre a conjugação da participação ativa dos alunos e a coordenação das disciplinas curriculares; e, na última parte, considerando que novos pressupostos pedagógicos e curriculares, pressupunham formas diferentes de avaliação do aproveitamento escolar dos alunos, formas essas tão experimentais como as próprias classes homônimas.

O *corpus* documental da presente pesquisa é formado por três fontes oficiais produzidos pelo corpo diretivo do Instituto de Educação “Jundiaí”, em 1961, quais sejam: 1) documento sobre o Ginásio Experimental do 1º ciclo, em que constam informações sobre sua organização, funcionamento e estruturação, assim como a estruturação do currículo do curso ginásial; 2) relatório Geral referente ao primeiro ano de funcionamento das classes experimentais, que passara a funcionar por autorização da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo (Ofício n. 166, de 17.03.1960; 3) relatório elaborado a pedido da observadora do Ministério da Educação sobre as Atividades das Classes experimentais do Instituto de Educação “Jundiaí”, nos meses de março e abril de 1961, assim como aqueles referentes aos meses de maio e junho do mesmo ano. Trata-se de documentos escritos que compunham processos e documentos oficiais que expunham, a partir da visão da direção do colégio, uma nova cultura escolar nas classes secundárias experimentais do Instituto de Educação “Jundiaí”. Essas fontes foram coletadas no

Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP e no Arquivo Público do Estado de São Paulo.

Quanto aos resultados da pesquisa, sabe-se que o trabalho não pretendeu preencher lacunas deixadas pelas fontes documentais, sobretudo para cumprir o intento de melhor compreender as práticas efetivadas nas experiências pedagógicas, mormente do estudo dirigido e dos métodos de avaliação implementados no Instituto de Jundiaí. Em termos dos métodos de ensino, em boa medida fundamentados nas *classes nouvelles* difundidas pelo professor Luís Contier nas escolas públicas do estado de São Paulo, indicam o uso de métodos ativos, em que a coordenação das matérias, com a participação dos alunos, em grupos ou de forma individualizada era central, além do elemento de coesão entre o corpo docente da instituição, assim como a integração dos alunos na comunidade eram tidos como essenciais para o sucesso das classes experimentais. Percebeu-se, também, que havia sempre um esforço dos docentes para concretizar a articulação entre seus pares, visando facilitar o trabalho de integração curricular, trabalhando com projetos educativos. Contudo, nem sempre contavam, no plano material, de subsídios necessários para melhor aplicarem os seus métodos e técnicas inovadores.

No que se refere ao estudo dirigido, merece grande relevo por simbolizar o elemento de coesão entre os intentos de uma formação filosófico-humanista com o ativismo no aprendizado do conteúdo técnico, necessário para o ingresso dos alunos nas universidades. Neste sentido, os estudos dirigidos, realizados por meio de orientação dos professores a partir de diferentes formas de expressão como palestras, debates, excursões, inseridas diariamente enquanto práticas pedagógicas no cotidiano escolar, possibilitavam uma imersão multidisciplinar dos alunos na estrutura da escola e de um corpo social maior, além de oportunizar a integração entre os alunos.

Quanto aos métodos de avaliação, percebe-se o grande esforço de distanciamento daqueles utilizados nas classes tradicionais, assentados sobretudo em critérios quantitativos, estanques, que impossibilitavam a medição de uma aprendizagem construída e processual por parte do aluno. Contudo, considerando a necessidade de aferições objetivas, muito embora ainda incluíssem observações comportamentais e fossem efetivadas discussões das avaliações individuais dos alunos de forma colegiada, junto aos conselhos de classe, observou-se a concomitância entre métodos tradicionais de avaliação de que são exemplo as provas objetivas.

À luz de fontes oficiais, constatou-se a materialização das classes secundárias experimentais no Instituto de Educação “Jundiaí” por meio do uso de métodos ativos, do estudo dirigido e de avaliações qualitativas e processuais. Esses três aspectos inovadores na cultura escolar do colégio tinham conexões porque visavam ensaiar uma nova forma de cultura escolar no ensino secundário brasileiro que desse protagonismo aos estudantes e flexibilização curricular. A realização da presente investigação histórico-pedagógica instigou a avançar na pesquisa das classes secundárias experimentais no Instituto de Educação “Jundiaí” ao longo da década de 1960, procurando dar visibilidade à inovação pedagógica na escola pública.

Palavras-chave: Classes Secundárias Experimentais. Inovação pedagógica. Instituto de Educação “Jundiaí”.